

# CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA AO ESTUDO DOS HOMICÍDIOS EM UBERLÂNDIA – MG/BRASIL<sup>1</sup>

Márcia Andréia Ferreira Santos<sup>2</sup>  
Julio Cesar de Lima Ramires<sup>3</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

O município de Uberlândia localiza-se no Triângulo Mineiro, uma região economicamente próspera do estado de Minas Gerais/Brasil. Possui uma população de 501.214 pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2000).

Este trabalho tem por objetivo geral realizar uma análise da distribuição espacial dos homicídios em Uberlândia entre 1999 e 2002. Pretende-se, dessa forma, conhecer os determinantes desse tipo de crime e a relação existente entre ele e as práticas cotidianas, bem com à forma de apropriação do espaço pela população analisada.

Para alcançar os objetivos citados foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico, levantamento de dados sobre os homicídios ocorridos em Uberlândia no Ministério da Saúde e na Polícia Militar de Minas Gerais. Neste último órgão coletamos dados diretamente dos Boletins de Ocorrência. Foi realizada a construção de taxas brutas dos homicídios por bairro e o mapeamento dos mesmos no software AutoCad 14.

As abordagens presentes neste artigo representam os discursos de diferentes profissionais que estudam a questão da criminalidade e da violência. Dentre eles, encontram-se sociólogos, literários, antropólogos, advogados e geógrafos. Estes começaram a desenvolver trabalhos nessa linha de pesquisa no Brasil, sobretudo a partir da década de 1970, tendo em Massena (1986) o principal nome dentre os geógrafos (ARRIVABENE, 2003).

## 2 – ABORDAGENS SOBRE A VIOLÊNCIA

As tendências que levam o homem a cometer homicídios são inerentes unicamente aos seres humanos, uma vez que os animais

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de uma monografia defendida em 2003 no Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção de título de Bacharel em Geografia. Título da monografia: "Violência urbana e homicídios em Uberlândia: caracterização e espacialização."

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFU

E-mail: karamby@uol.com.br

<sup>3</sup> Prof. Dr. do Instituto de Geografia – UFU

E-mail: ramires\_julio@yahoo.com.br

da mesma espécie não se matam entre si. (LORENTZ, apud FÉLIX, 2002, p.137).

O estudo da criminalidade violenta é bastante antigo, mas as discussões se restringiam ao campo da Sociologia, da Criminologia e da Antropologia, principalmente. A Geografia, uma ciência humana cujo objetivo encontra-se alicerçado na análise das relações sociais mantidas pelo Homem no espaço geográfico, passou a preocupar-se com os problemas relacionados à violência, sobretudo no início da década de 1970. Félix (2002) comenta que o homem, ligado a um contexto socioespacial, é o principal objeto dos estudos da Geografia Humana, e o seu bem-estar e a sua qualidade de vida também deve ser o foco de investigação geográfica.

Por muito tempo, a Geografia Urbana preocupou-se com o estudo do crescimento demográfico e da expansão espacial das cidades e buscou identificar as funções econômicas e o seu nível de difusão para outros espaços do sistema econômico. Mas as discussões sobre as desorganizações sociais ocorridas no interior das cidades, tais como a criminalidade, eram preocupação exclusiva de sociólogos e criminólogos (FÉLIX, 2002).

A Geografia preocupa-se, também, com a organização do espaço, e isso remete à questão do planejamento urbano, que tem por objetivo desenvolver estratégias que possibilitem a criação de um espaço estruturado, onde se possa circular com segurança e que apresente boa qualidade de vida para a população. Mas o planejamento urbano esbarra no fenômeno da criminalidade, que vem provocando um rearranjo no espaço citadino. Souza (2003) comenta que esse tecido socioespacial que emerge apresenta-se

segmentado e compartilhado por poderosas fronteiras invisíveis e não-oficiais [...], onde os fatores violência, medo e busca de segurança reduzem a mobilidade espacial intra-urbana [...] e criam e recriam exclusões e auto-exclusões (SOUZA, 2003, p.268).

Almeida (1997) argumenta que outros agentes modeladores do solo urbano, além daqueles comuns – os proprietários fundiários, o Estado, os promotores imobiliários, os proprietários dos meios de produção e os grupos sociais excluídos (CORRÊA, 1989), percebe-se que outros fatores passaram a tomar lugar nesse processo. São eles a criminalidade violenta e o tráfico de drogas, considerados os mais poderosos e os que mais ampliaram o processo de segregação urbana.

Destaca-se que a criminalidade violenta é intensamente mais visível nas grandes metrópoles, pois o grau de urbanização atingido por elas é maior do que em outras cidades brasileiras. Desse processo de urbanização acentuada resulta o que alguns autores, tais

como Almeida (1997) e Souza (2003) chamam, respectivamente, de enclaves e auto-exclusões.

A década de 1990 é marcada pelo aumento da segregação socioespacial nas metrópoles brasileiras. Se antes apenas os pobres é que eram excluídos ou postos à margem da sociedade, agora os ricos também começam a participar de um processo de auto-exclusão. Almeida (1997) comenta que, para os ricos existem os condomínios exclusivos, ao passo que para os pobres, os enclaves de favelas:

Nas metrópoles brasileiras dos anos 90, os mecanismos de segregação sócio-espaciais tornaram-se muito mais complexos, pois além das clássicas clivagens entre ricos e pobres [...], são percebidas áreas fortaleza ou cercos de defesa para ricos e para pobres [...]. no caso dos ricos: os condomínios exclusivos [...]; no caso dos pobres os enclaves de favelas em áreas de alto valor da terra. (ALMEIDA, 1997, p. 75).

Câmara (1997) diz que a exclusão espacial da qual Almeida (1997) e Souza (2003) se referem é entendida como sendo uma exclusão dos processos formais de urbanização ou de planejamento, e mantém pontos de contato com a exclusão social e/ou a econômica.

Félix (2002) comenta que as análises que são feitas da relação entre exclusão e criminalidade com a urbanização destacam que esta desenvolve permite o desenvolvimento da impessoalidade das relações urbanas, afrouxa os mecanismos de controle social e enfraquece a vida familiar. E a autora destaca que estas manifestações, dentre muitas outras, levam à desorganização pessoal, às atitudes violentas e à prática do crime. Destaca-se, contudo, que o crime não está presente apenas em áreas excluídas espacialmente. Porém, ele atinge com mais severidade às classes menos privilegiadas da sociedade contemporânea. Isso ocorre porque, geralmente, confluem num mesmo território diversos problemas tais como a baixa escolaridade, o desemprego e a miséria, no grau mais extremo da pobreza. A insatisfação gerada por essa situação é que predispõe o desencadeamento da violência nessas áreas.

Paixão (1983) faz uma análise da relação entre a marcha evolutiva da violência e da criminalidade com o processo de industrialização, que promoveu a concentração populacional no meio urbano. Numa figura apresentada no trabalho anteriormente citado, ele demonstra que o processo de industrialização permitiu a aceleração da urbanização e a conseqüente desorganização social, advinda do crescimento da pobreza e da falta de controle social. Fatores estes que suscitaram o desvio social e a criminalidade violenta.

Os conceitos sobre a violência são amplos e, por isso, permitem que a sua análise seja feita sob diferentes prismas. Essa variabilidade de conceitos, segundo Camacho (2003, p.183), ocorre primeiro “porque o seu entendimento não é o mesmo nos diferentes períodos da humanidade e, segundo, porque cada pessoa interessada no tema pode se permitir compreender a violência conforme seus valores e éticas”. Ressalta-se, ainda, que a análise da violência pode se diferir entre os diversos profissionais que discutem o assunto, pois cada área apresenta um objetivo específico em sua análise. Dessa forma, o enfoque dado à violência pela Sociologia, a Antropologia, a Criminologia e a Medicina, se difere daquele realizado pela Geografia, pela História ou pela Economia, por exemplo.

Se a violência é um fenômeno multifacetado, que apresenta diferentes análises, é necessário, portanto, que a discussão sobre ela seja feita de forma interdisciplinar (MELLO JORGE, 2004). A busca do entendimento e da análise das causas e dos efeitos da violência, bem como dos espaços onde ela ocorre são de extrema importância para a implementação de políticas públicas estratégicas que permitam a sua diminuição e o seu combate. Essa análise interdisciplinar, alicerçada em diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, possibilita múltiplos enfoques e olhares sobre a temática da violência. Adorno e Cardia (2002) comentam que vários estudos e pesquisas têm sido desenvolvidos, no Brasil, com o intuito de decifrar a violência - as percepções, os fatos e acontecimentos; o impacto sobre a justiça; as diversas formas e significados da violência para os distintos grupos sociais; as relações entre cidadania, segregação urbana e violência são alguns deles. Neste trabalho, mostraremos a importância dos estudos geográficos na análise espacial dos homicídios.

### **3 – POR QUE ESTUDAR OS HOMICÍDIOS?**

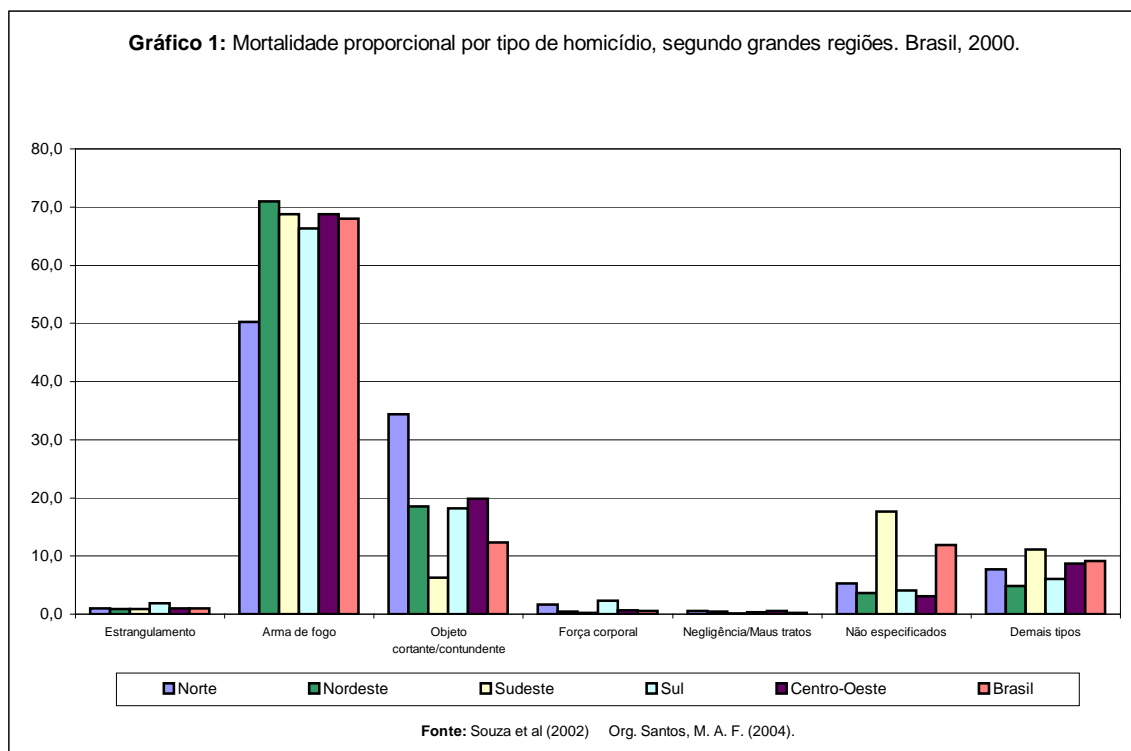
Os homicídios estão agrupados no Capítulo XX, da CID-10 (Classificação Internacional de Doenças – 10<sup>a</sup>. Revisão). Fazem parte das Causas Externas as seguintes categorias: homicídio, suicídio, acidentes de trânsito, afogamento, quedas e outros acidentes. Destes, os que apresentam mais ocorrência são os acidentes de trânsito e os homicídios.

O número de homicídios no Brasil vem só aumentando, e as principais vítimas são jovens do sexo masculino. Souza et al (2002) comentam que entre 1998 e 2000 registrou-se uma taxa de homicídios de 69,18 por 100 mil habitantes para o sexo masculino e 5,65 por 100 mil habitantes para o sexo feminino. Eles destacam, ainda, que do total de 45.343 vítimas de homicídios registradas em 2000, 34.973 tinham entre 15 e 39 anos, sendo quase 70% do total dos casos.

A Região Sudeste do Brasil é a que detém o maior risco de morte por homicídio. Em relação às regiões metropolitanas, entre 1998 e 2000, a taxa mais elevada de

mortalidade por homicídio foi registrada em Vitória (80/100.000 hab.). Em 2000, o uso de arma de fogo foi responsável por 68% dos homicídios. Resultados semelhantes foram observados em estudo realizado nos Estados Unidos, onde se constatou que a arma de fogo é responsável por 70% de todas as mortes por homicídio. O estudo comprovou também que o crescimento das taxas de mortalidade por homicídios, no final dos anos de 1980 e início de 1990, pode ser explicado pelo abuso do uso de álcool e de outras drogas, bem como pela adoção de estilos de vida que propiciam a violência, associados ao porte e utilização de armas (SOUZA et al, 2002).

Apesar de ter sido aprovado o Estatuto do desarmamento, ainda não foi percebida uma redução da mortalidade cometida por armas de fogo. Pelo contrário, os números registrados que envolvem esse tipo de evento só vêm aumentando. No ano 2000, a Região Nordeste foi a que apresentou o maior número de mortes proporcionais por arma de fogo, vindo em segundo lugar a Região Sudeste, confira no gráfico 1 abaixo a mortalidade proporcional por homicídios nas regiões Brasileiras em 2000, e veja que as ocorrências envolvendo armas de fogo apresentam-se praticamente equilibradas para todas as regiões brasileiras, com exceção da Região Norte.



Mota (2004) argumenta que em 20 anos, de 1980 a 2000, foram assassinadas 600 mil pessoas no Brasil, que dá uma média de 30 mil por ano. Nesse período, o crescimento da taxa de homicídios foi de 130%. No ano 2000, a taxa de mortes por arma de fogo foi de 71,70/100.000 habitantes, ou seja, 13 vezes superior à taxa dos Estados Unidos no mesmo período, que foi de 5,5 por 100 mil habitantes. Mota (2004) cita dados de

homicídios, elaborados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pndu), que 40 mil pessoas foram assassinadas no Brasil em 2002. O autor argumenta, ainda, que dos 600 mil homicídios ocorridos no Brasil, 361.101 ocorreram na década de 1990, fator que mostra um acelerado agravamento do problema.

A violência, caracterizada sobretudo pelos homicídios, tem sido a principal causa de mortes no Brasil e, apesar de o país ter reduzido a mortalidade infantil e a mortalidade geral causada por doenças infecciosas, agora se morre mais por causas previsíveis e preveníveis (MELLO JORGE, 2004).

Com o aumento exacerbado da violência, aumenta-se também o número de empresas de segurança. Mota (2004) diz que, segundo levantamento do Ministério da Justiça e da Polícia Federal, haveria 1.300 empresas de segurança privada e 500 mil vigilantes legalizados, no Brasil. Além destes, um levantamento da Confederação Nacional de Vigilantes indica que existiria cerca de 600 mil homens trabalhando clandestinamente em serviços de segurança privada. Pinheiro (2004) comenta que a proliferação destes serviços de segurança privada ilegal aumenta o risco de ações violentas e contribui, muitas vezes, para a elevação do número de homicídios. O autor diz que, segundo relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o Extermínio de Crianças e Adolescentes, entre 1988 e 1990, 4.611 vítimas de homicídio tinham até 17 anos, e 52% dessas vítimas foram mortas por vigilantes ilegais e policiais fazendo "bicos" em serviços de segurança ilegais.

É interessante destacar que os homicídios não se distribuem igualmente no espaço. Já foi dito que o número de ocorrência de homicídios é maior nas regiões metropolitanas, sobretudo no município de São Paulo e do Rio de Janeiro. Mas, internamente a esses espaços, percebe-se também uma distribuição diferenciada. Os homicídios tendem a ocorrer, principalmente em locais onde se concentram populações de baixa renda. E mais uma vez ressalta-se que não se está falando em uma criminalização da pobreza, mas numa predisposição de situações existentes nesses locais, que favorecem a ocorrência desse tipo de crime.

Existe, ainda, uma variação temporal do homicídio, relacionada aos meses do ano e aos dias da semana, que merece atenção. Detectar os dias nos quais a incidência do homicídio é maior favorece a elaboração de estratégias que vão de encontro à minimização dos efeitos causados por esse delito. Félix (2002) diz que os homicídios são mais comuns em julho e dezembro, sendo mais freqüentes aos sábados e domingos, devido ao aumento do consumo de álcool e ao maior contato entre amigos e familiares. A autora destaca também que as ocorrências são mais freqüentes nos feriados nacionais prolongados, talvez pela mesma razão dos fins-de-semana.

Para entender a espacialização dos homicídios, e de qualquer outro crime violento, é necessário compreender, antes de tudo, que não é o espaço o gerador dos conflitos violentos. Contudo, existem alguns espaços onde a concentração de crimes e de criminosos é mais elevada. Félix (2002) comenta que “a identificação desses espaços, geográfica e socialmente delimitados, propicia a intervenção do poder público e o desencadeamento de programas ‘ressocializadores’ e preventivos em ambos os segmentos: criminoso e vítima.

#### 4 – CARACTERIZAÇÃO DOS HOMICÍDIOS EM UBERLÂNDIA

Antes de falarmos sobre os homicídios em Uberlândia, comentaremos um pouco sobre as Causas Externas, pois estas representaram o quarto tipo de morte em Uberlândia no ano 2000, e os homicídios situam-se entre as primeiras causas de morte dentro deste capítulo. Daí a importância em destacar algumas características das Causas Externas para se entender como se distribuem os homicídios em Uberlândia, sobretudo em relação à faixa etária e ao sexo, pois as mortes agrupadas dentro deste Capítulo (segundo a CID-10, as Causas Externas são classificadas no Capítulo XX), apresentam as mesmas características de sexo e faixa etária registradas para os homicídios.

Foi dito que os homicídios estão agrupados dentro do capítulo das Causas Externas. Estas se mantiveram na terceira posição em relação às demais causas de morte, entre 1980 e 1985. Na década de 1990 passou a ocupar a 2ª. posição, e em 2000, a 4ª posição entre as cinco causas de morte em Uberlândia. As mortes por doenças relacionadas ao aparelho circulatório sempre vieram ocupando o primeiro lugar, veja o quadro 1.

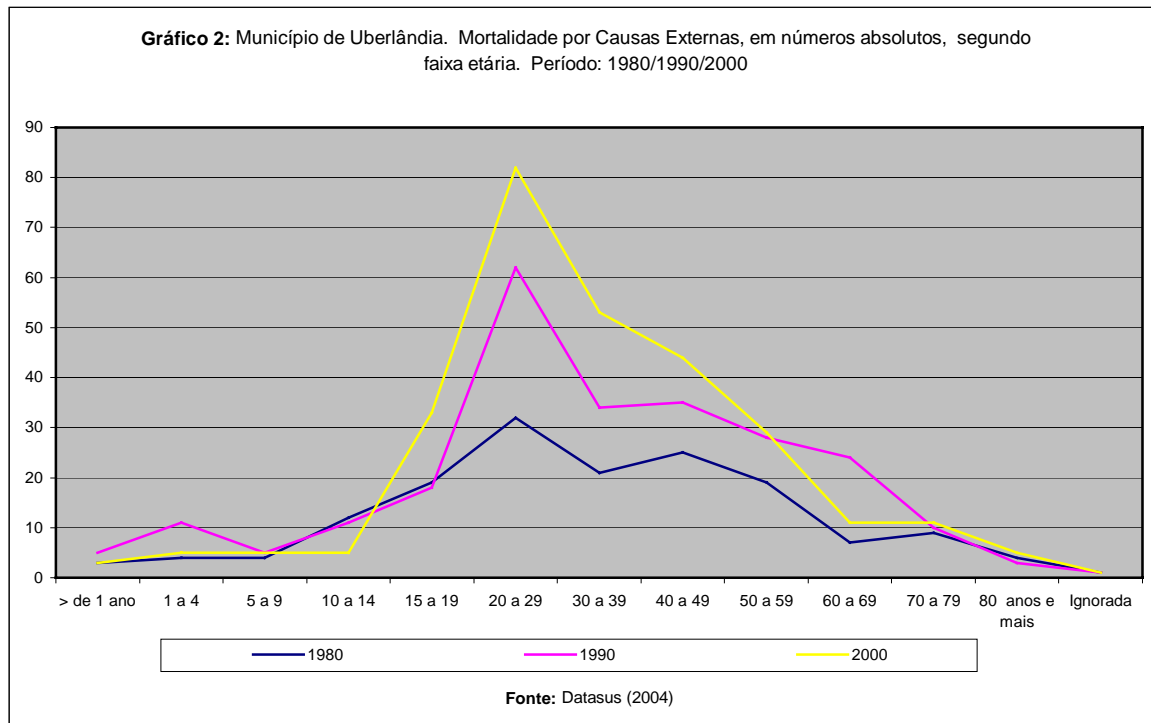
#### QUADRO 01

Município de Uberlândia. Óbitos por causas externas em residentes: 1980/1990/2000.

PERÍODO	POSIÇÃO	CAPÍTULO	TOTAL
1980	1ª	Doenças do aparelho circulatório	358
	2ª	Doenças infecciosas e parasitárias	223
	3ª	Causas externas	160
	4ª	Neoplasmas	155
	5ª	Algumas afecções originadas no período perinatal	123
1990	1ª	Doenças do aparelho circulatório	530
	2ª	Causas externas	247
	3ª	Doenças do aparelho respiratório	239
	4ª	Neoplasmas	230
	5ª	Doenças infecciosas e parasitárias	212
2000	1ª	Doenças do aparelho circulatório	625
	2ª	Neoplasias (tumores)	374
	3ª	Doenças do aparelho respiratório	272
	4ª	Causas externas de morbidade e mortalidade	287
	5ª	Algumas doenças infecciosas e parasitárias	213

Fonte: Datasus (2004)

É interessante destacar que os óbitos advindos das Causas Externas estão entre as cinco principais causas de morte em Uberlândia. Neste grupo de mortalidade, as principais vítimas são do sexo masculino e a idade situa-se entre 20 e 39 anos, confira o gráfico 2.



Diante da situação apresentada, como justificar o aumento da mortalidade por causas externas em adolescentes e jovens? Estudos demonstram que a urbanização acelerada foi um dos fenômenos que mais contribuíram para acelerar as desigualdades entre os grupos populacionais urbanos. Esse processo induziu o aumento da migração interna entre essa faixa etária à procura de trabalho, mas grande parte dessa população não foi absorvida pelo mercado aumentando, dessa forma, a população marginalizada das grandes cidades. Nessa constante luta pela sobrevivência muitos jovens são lançados às ruas, onde, no dia-a-dia, ficam expostos a todos os tipos de violência.

Com relação ao predomínio do sexo masculino na mortalidade por causas externas, há estudos que justificam esse comportamento pela maior exposição dos homens a fatores de risco individuais como o consumo de álcool, fumo ou outras drogas; uso de arma de fogo e maior inserção no mercado informal de trabalho em atividades lícitas ou ilícitas (MINAYO, 1997).

O município de Uberlândia registrou ocorrências de mortalidade por Causas Externas relativamente parecidas com as de algumas capitais. Em 1991 a taxa foi de 73,28/100.000 habitantes, superando Fortaleza (54,6), Salvador (56,1), Belo Horizonte



(68,7) e Goiânia (67,0). Recife e Rio de Janeiro registraram, nesse período, respectivamente, 104,7 e 115,3/100.000 habitantes.

Comparando a mortalidade por causas externas em Uberlândia com nove municípios de outros estados, percebe-se que ela situa-se bem próximo dos valores registrados nesses municípios. Recife continua liderando o obituário, com uma taxa de 104,56/100.000 habitantes, conforme pode ser visto na **Tabela 1**

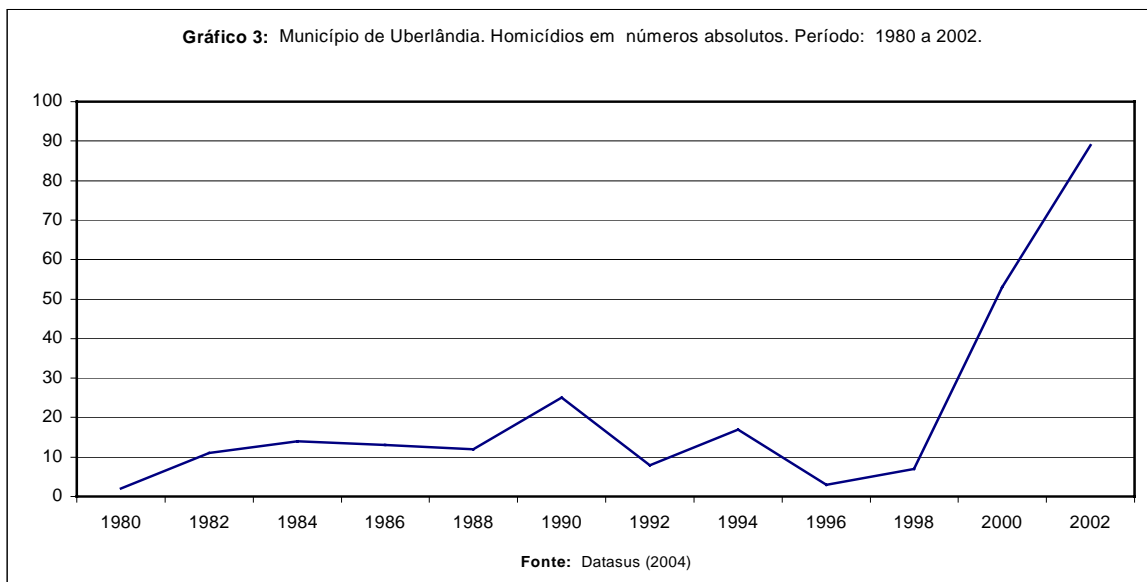
**TABELA 01**

População residente, número de óbitos e taxa de mortalidade por causas externas (por 100.000/hab) em alguns municípios brasileiros. Período: 2000

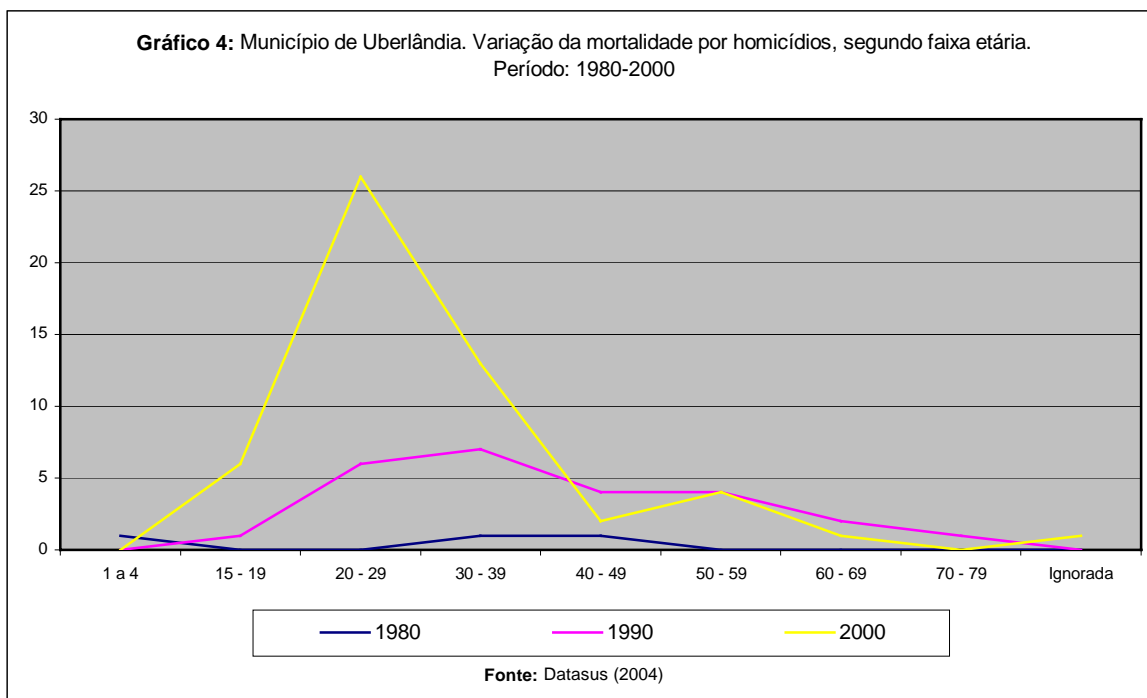
CIDADE	POPULAÇÃO	ÓBITOS	
		(n)	(%)
Recife	1.461,318	1.528	104,56
São Paulo	10.434,252	10.315	98,86
Vitória	292,304	288	98,57
Rio de Janeiro	5.857,904	5.584	95,32
Curitiba	1.587,315	1.174	73,96
Goiânia	1.093,007	801	73,28
Belo Horizonte	2.238,526	1.531	68,39
Porto Alegre	1.360,590	923	67,84
Salvador	2.443,107	1.561	63,89
Fortaleza	2.141,402	1.356	63,32
Uberlândia	501,214	287	57,26

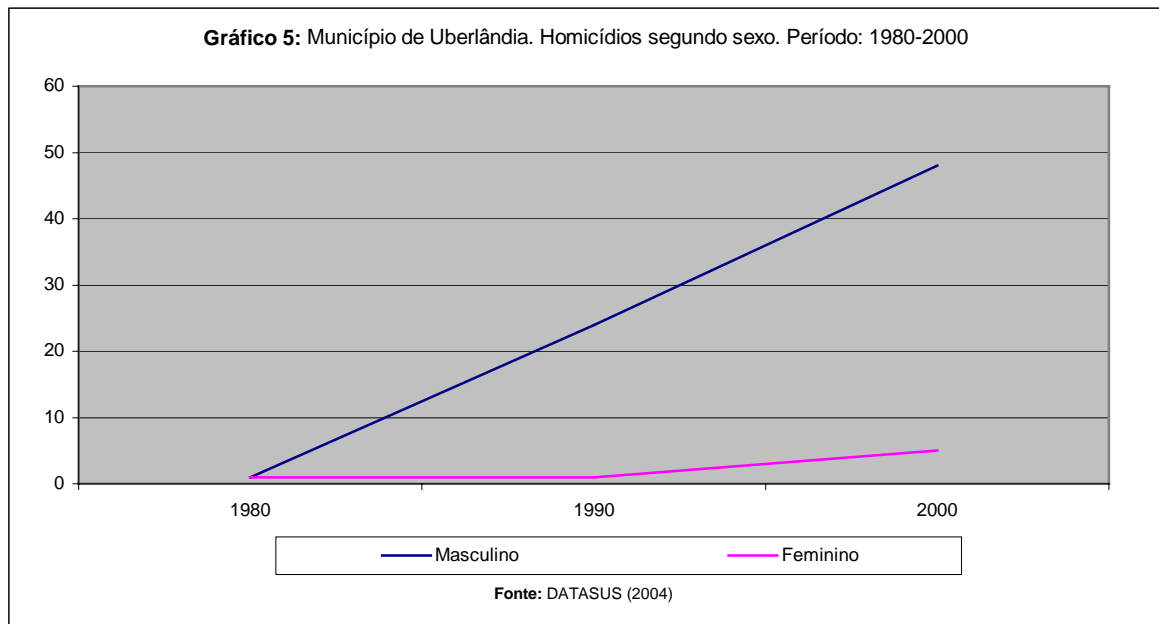
Fonte: Datasus (2004)

Os homicídios apresentaram uma tendência equilibrada de 1980 a 1999, com alguns momentos de pico em 1990 e 1994. Mas a partir de 1999, os números começam a elevar-se consideravelmente, confira o Gráfico 3 abaixo.

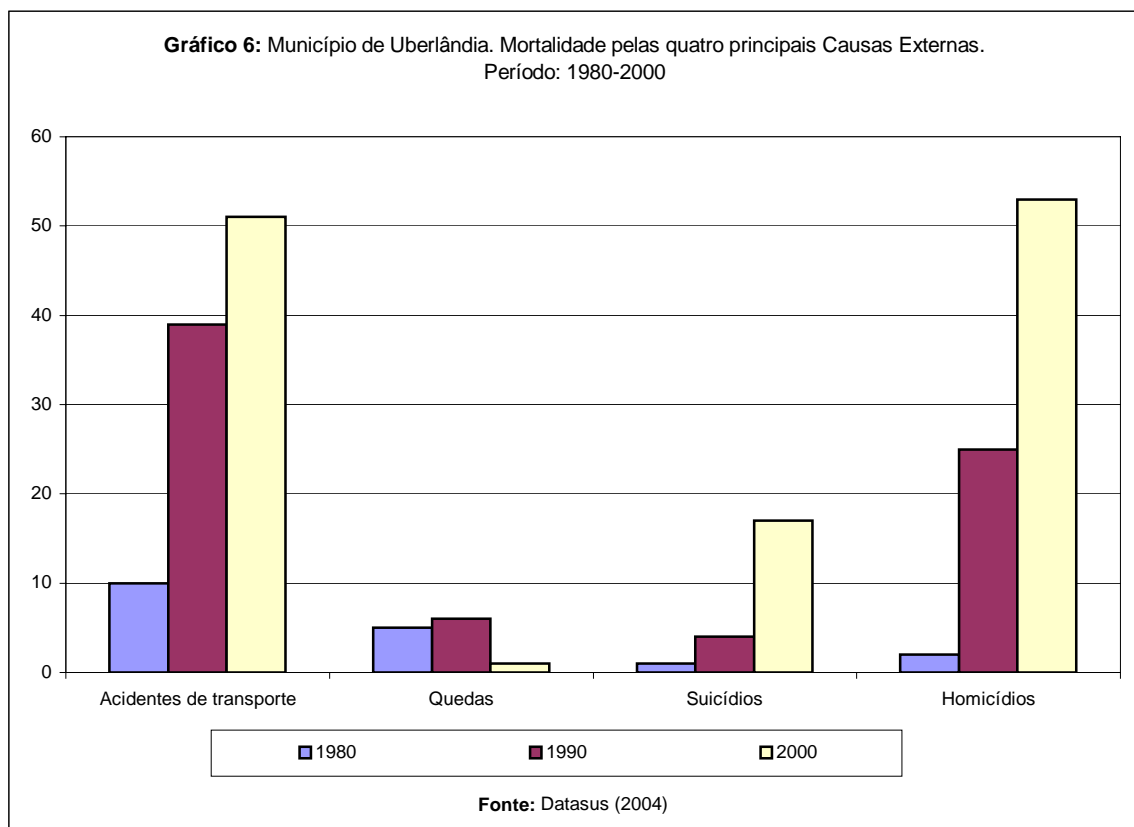


É interessante destacar que o sexo e a idade da vítima dos homicídios coincidem com as mesmas informações registradas para as vítimas de Causas Externas. As vítimas são preponderantemente jovens do sexo masculino, com idade entre 20 e 39 anos, exatamente igual às informações registradas para as Causas Externas. Os gráficos 4 e 5 apresentam informações sobre a idade e o sexo das vítimas de homicídios no município de Uberlândia.



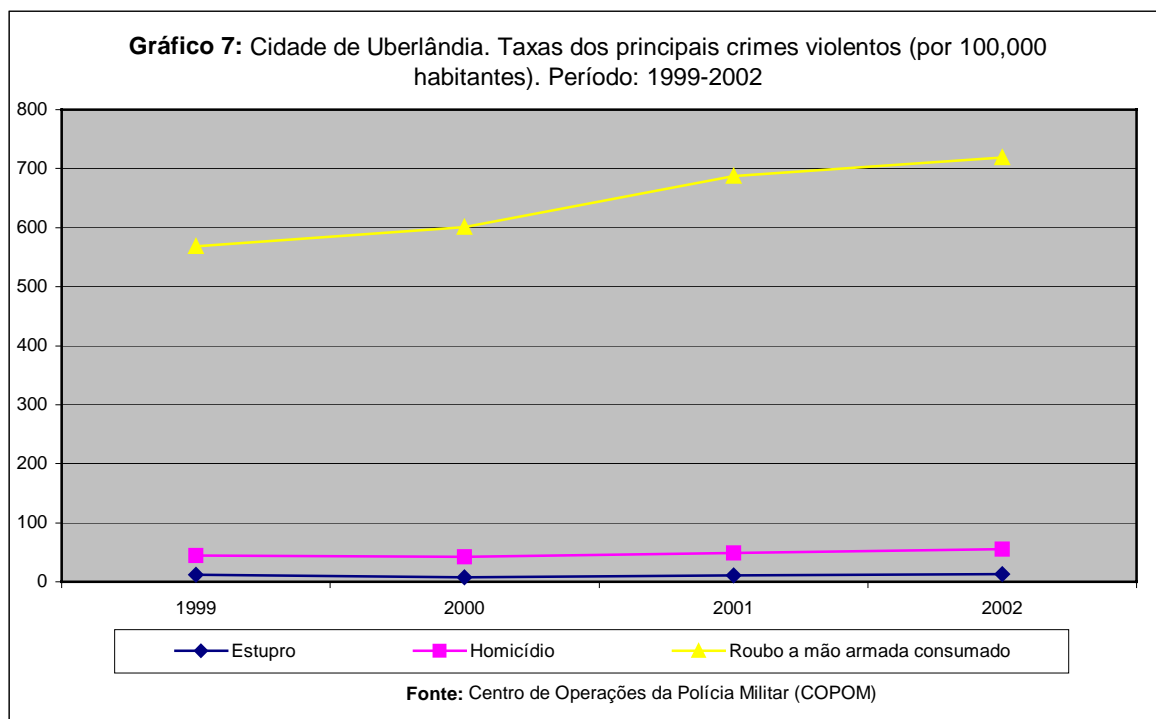


O homicídio é a segunda principal causa de morte dentro do grupo das Causas Externas em Uberlândia. Essa realidade é a mesma apresentada para todo o Brasil. Já se discutiu anteriormente, que Uberlândia possui taxas de mortalidade por Causas Externas próximas à de Salvador e Fortaleza, por exemplo. O gráfico 6 apresenta as quatro principais causas de morte por Causas Externas no município de Uberlândia. Percebe-se que os acidentes de transporte e os homicídios são os que mais se destacam, confira.



Analisando dados de crimes violentos coletados nos Boletins de Ocorrência da Polícia Militar percebemos que os homicídios também representam as maiores taxas dentre os crimes violentos ocorridos na cidade de Uberlândia. Destacamos que os homicídios representados na tabela a seguir, estão relacionados tanto a homicídios tentados quanto a homicídios consumados. É importante ressaltar que nem todas as ocorrências são de fato registrada pela Polícia Militar, devido a vários fatores, e isso dificulta a tabulação e o estudo do fenômeno. Esperamos que haja uma busca por melhoria no registro desses crimes, pois somente dessa forma é que será possível realizar uma análise mais eficaz da violência.

Como havia sido comentado anteriormente, o homicídio é também um dos principais crimes violentos registrados na cidade de Uberlândia, vindo após os roubos à mão armada, que só vêm apresentando uma elevação considerável, confira o gráfico 7.



#### 4.1. A espacialização dos homicídios em Uberlândia

A partir da análise dos dados disponibilizados pela Polícia Militar foi possível espacializar a ocorrência de homicídios em Uberlândia, destacando os bairros onde a sua incidência foi maior. Mapeamos os homicídios apenas nos bairros integrados<sup>4</sup>.

Os homicídios distribuíram-se de forma equilibrada nos quatro anos analisados, sendo 2002 o ano no qual o número de ocorrências foi maior. Analisando a somatória de

<sup>4</sup> A Prefeitura Municipal de Uberlândia realizou a integração dos bairros com o intuito de diminuir o seu número, facilitando a administração pública. Essa nova estruturação do espaço urbano teve o objetivo, também, de evitar que pequenos loteamentos tornassem bairros. Como exemplo, temos o bairro Jardim das Palmeiras, que é constituído dos bairros São Lucas, Santo Inácio e o próprio Jardim das Palmeiras.

ocorrência de homicídios nos quatro anos percebe-se que os setores Oeste e Leste foram os que apresentaram as ocorrências mais elevadas sendo, respectivamente, 215 e 283 ocorrências em números absolutos. Entre 1999 e 2002, o Setor Leste apresentou o maior número de ocorrências de mortes por homicídios, confira o mapa de espacialização dos homicídios em 2002. A tabela 2 mostra os dados sobre homicídios nos cinco setores de Uberlândia, entre 1999 e 2002, confira.

**TABELA 2**

Município de Uberlândia. Número de ocorrência e taxa de homicídios (por 100.000/hab), segundo setor: 1999 - 2002.

SETORES	ANO							
	1999		2000		2001		2002	
	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
Norte	21	4,29	31	6,18	36	6,96	44	8,31
Sul	36	7,36	24	4,79	46	8,9	76	14,35
Oeste	47	9,61	54	10,77	57	11,03	57	10,77
Leste	64	13,08	66	13,17	74	14,32	79	14,92
Central	47	9,61	34	6,78	38	7,35	37	6,99

Fonte: Centro de Operação da Polícia Militar de Uberlândia (COPOM)

Os bairros Jardim Canaã, Jaraguá, Luizote de Freitas, Planalto e Tocantins (Setor Oeste) e os bairros Morumbi, Tibery, Custódio Pereira, Santa Mônica e Umuarama (Setor Leste), Presidente Roosevelt (Setor Norte) e São Jorge (Setor Sul) foram os que mais se destacaram em termos de ocorrência de homicídios em 2002 (Confira o Mapa 1).

Os bairros mais periféricos da cidade, tal como o Jardim Canaã, o São Jorge e o Morumbi são os mais acometidos pelos homicídios. O Setor Leste, um dos mais violentos, é um espaço bem diferenciado, caracterizado por conjuntos habitacionais, favelas, condomínios fechados, chácaras de lazer, apresentando, dessa forma, contrastes em seus aspectos demográficos e sócio-econômicos. É um setor com muitas desigualdades sociais, que diferenciam o modo de vida da população, bem como o seu cotidiano. Esses bairros estão localizados próximos a rodovias, o que facilita a fuga dos agressores.

A Geografia pode contribuir de forma considerável com a análise desses espaços onde a violência apresenta-se mais intensa. Estudar a espacialidade dos crimes favorece a atuação dos órgãos competentes na formulação de políticas que possam ir de encontro à necessidade destes lugares. É necessário, portanto, que todos estes órgãos trabalhem em conjunto, pois somente assim é que haverá eficácia nas estratégias que forem implementadas.

## 5 – CONSIDERAÇÕES

A falta de segurança e o medo constante fazem com que a sociedade busque refúgio, segregando-se ou mudando as suas práticas cotidianas em função da insegurança presente na cidade.

É interessante destacar que o Índice de Violência, registrado para Uberlândia em 2000, apresentou-se consideravelmente bom. Esse índice varia de zero a um, e as piores condições de vida equivalem a valores próximos a zero; enquanto as melhores situações sociais estão próximas de um. Uberlândia registrou um índice de 0,960 no ano 2000 (POCHMANN; AMORIM, 2003). Mas, nem sempre uma determinada realidade social pode ser explicada apenas pela estatística. Existem várias questões que permeiam as relações sociais mantidas pelo Homem no espaço, e que devem ser levadas em consideração. A percepção da intensidade de fenômenos, tais como a violência, deve ser analisada sob diferentes prismas, considerando-se que se trata de um fenômeno social complexo, permeado por diferentes causas e efeitos.

Os meios de comunicação em Uberlândia veiculam matérias com depoimento de pessoas que se dizem amedrontadas e que evitam sair à noite ou circular por ruas ou bairros considerados perigosos, pelo fato de terem sido vítimas, direta ou indiretamente, de algum ato violento. Percebe-se, dessa forma, que a violência é um dispositivo capaz de conduzir as práticas cotidianas da população e, com isso, a cidade passa a não ser plenamente apropriada pelos indivíduos a partir da prática socioespacial firmada no uso e “revelada por uma relação espaço-tempo que potencializa a apropriação dos lugares da realização da vida” (CARLOS, 2004, p. 148).

Mas, nem sempre a violência é de fato um problema real, podendo ser um fenômeno simbólico, fictício, recriado, representando-se no imaginário social mais intensa do que realmente é. Muitas vezes, a disseminação da idéia de insegurança faz com que a população comece a se comportar como se estivessem o tempo todo sujeitas a um ato violento. Isso faz com que a sociedade procure, cada vez mais, espaços na cidade, onde exista uma plena garantia de segurança. Dessa forma, a violência passa a configurar-se como uma “disposição de controle, aberta e contínua” (DELEUZE, 1989 apud SANTOS, 2002, p. 22). Diante disso, Santos (2002) faz um alerta ao dizer que a mídia influencia consideravelmente na mudança dessas práticas cotidianas e nas relações sociais ao dramatizarem a violência. Esse autor comenta que

Na vida cotidiana, realiza-se uma inter-relação entre mal-estar, violência simbólica e sentimento de insegurança. Por um lado, estamos vivendo em um horizonte de representações sociais da violência para cuja disseminação em muitos contribuem os meios de

comunicação de massa, produzindo a dramatização da violência e difundindo sua espetacularização. (SANTOS, 2002, p. 22).

Foi dito que Uberlândia apresenta uma elevada ocorrência de crimes violentos. Destes, o homicídio é o segundo tipo de crime de maior ocorrência, vindo após os roubos. Somente em 2003, Uberlândia registrou 6.308 roubos, sendo que destes, 4.381 foram realizados à mão armada. Nesse mesmo ano, registraram-se 320 homicídios, sendo que 61 ocorrências caracterizaram homicídios consumados e 259 representaram tentativas (COMPANHIA DA POLÍCIA MILITAR - COPOM, 2004).

Na década de 1990, Uberlândia era o oitavo município mineiro dentre os dez com o maior número absoluto de homicídios. Dez anos depois, o município conserva-se nessa mesma posição (DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE BRASIL - DATASUS, 2004). É interessante destacar que na década de 1980, Uberlândia situava-se na 88ª posição no ranking dos homicídios em Minas Gerais, e vinte anos depois, mais precisamente em 2000, passa a ocupar a 8ª posição (DATASUS, 2004). Percebe-se, portanto, que o homicídio está colocado como uma problemática em Uberlândia, mostrando a relevância em tentar compreender as causas do seu aumento, bem como da sua distribuição espacial diferenciada na cidade.

A taxa de homicídios registrada para o município de Uberlândia em 2000 foi de 10,57/100.000 habitantes. Nesse mesmo ano, Belo Horizonte registrou 28,19/100.000 (DATASUS, 2004). Uberlândia, no ano 2000, foi o 7º município de Minas Gerais com o maior registro de mortalidade por homicídios, em números absolutos. Constata-se que em 2000, Uberlândia teve uma taxa que representou quase a metade da taxa de homicídios de Belo Horizonte. Vale ressaltar que nesse ano, a população de Uberlândia era aproximadamente quatro vezes menor que a de Belo Horizonte, respectivamente 501.214 e 2.238.526 habitantes (DATASUS, 2004).

Apesar de ter tido como objetivo principal a análise dos homicídios no ano período de 1999 a 2002, destaca-se que em 2004 - entre janeiro e junho - ocorreram 42 homicídios, sendo que 16 acometeram jovens entre 15 e 25 anos. Desses, 13 foram mortos a tiros, dois a facadas e um a pancadas (POPÓ, 2004). A reportagem de Popó diz que quatro dos mortos eram acusados de serem bandidos e morreram em confronto com a polícia, e que todos os homicídios aconteceram em bairros da periferia. O que mais surpreende, segundo a Editoria de Segurança do Jornal Correio, é a causa das mortes. Cinco foram mortos supostamente por próprios colegas, por desavenças envolvendo tráfico e uso de drogas; três morreram por motivos fúteis, ou seja, em desentendimentos por razões diversas; e um foi morto até agora por motivo desconhecido.

A reportagem citada destaca que os números uberlandenses, se comparados com a taxa de homicídios no Brasil entre jovens da mesma faixa etária, que passou de 137 por 100 mil habitantes, segundo o levantamento divulgado pela Unesco, torna-se um fator preocupante. É importante ressaltar que as opiniões sobre as causas do aumento de mortalidade por homicídios entre os jovens variam entre os profissionais que lidam com o seu entendimento. Nas falas abaixo estão presentes algumas questões determinantes, como a exclusão social, o uso de drogas, a desestruturação familiar e a impunidade dos criminosos:

“Tudo isso, pode-se dizer, é resultado da exclusão social, a baixa escolaridade, a falta de perspectiva de vida e até o envolvimento familiar também influenciam”. (Promotor de Justiça).

“A sensação da impunidade que o jovem, enquanto menor de idade, tem e o fato de ele se envolver na criminalidade, começando pelo uso de drogas, pelo furto e outros crimes maiores, contribui muito para isso”. (Secretário Geral da Comissão de Direitos Humanos da OAB).

“Um exemplo”, prossegue: “o jovem que parte para a noite está mais perto de cair numa cilada do que os outros”. Segundo ela, essa liberdade, se não regulada, conduz a juventude para a droga, bebida e morte. (Advogada).

“Muitas vezes, falta uma boa relação familiar. Aliando isso à falta de perspectiva, que leva o jovem às drogas, fatalmente haverá o caminho para a violência e daí o aumento dos assassinatos. A família é importante para o jovem.” (Assistente Social).

“A principal causa está na má distribuição de renda. Não adianta pôr polícia na rua, fazer leis mais duras, se não houver uma boa distribuição de renda.” (Juiz de Execução Penal). (POPÓ, 2004).

Ressalta-se que o trabalho apresenta dados diferenciados dos homicídios, porque esses registros variam de uma instituição governamental para a outra. Nem sempre os dados registrados pela Polícia Militar nos Boletins de Ocorrência são os mesmos presentes na Declaração de Óbito emitida pela Secretaria Municipal de Saúde. Os diferentes valores divulgados pelas instituições governamentais confirmam que o registro da causa de morte ainda é ineficiente no País, e que uma melhora na coleta dos dados revelaria um número bem maior de ocorrências.



Estudar o homicídio por ele mesmo não traria muitas descobertas, já que após ter sido consumado não há mais nada a fazer, a não ser penalizar àqueles que o cometeram. Por outro lado, compreender o espaço e as relações sociais mantidas pelos sujeitos é um fator que revela como se estabelece o cotidiano de quem habita aquele espaço e, a partir disso, é possível analisar o porquê do desencadeamento de tal delito.

São várias as hipóteses levantadas para a análise dos homicídios em Uberlândia, e uma delas relaciona-se ao uso de drogas. Muitos bairros da cidade são caracterizados como violentos por apresentarem pontos de comercialização de entorpecentes. Os jornais locais constantemente veiculam matérias que citam a ocorrência de crimes violentos, sobretudo homicídios, como sendo motivados por entorpecentes. Em maio deste ano, foi publicada uma reportagem sobre o crescimento da violência em Uberlândia (POPÓ, 2004), onde o bairro Morumbi aparece como um local em que a droga se faz presente, e tem um forte domínio naquele lugar. Segundo a reportagem, um traficante do local chegou a ordenar o fechamento de um comércio de móveis usados e de uma loja de materiais de construção no bairro.

O poder mantido por alguns indivíduos, e mediado pela droga, está localizado dentro do que Santos (2002) chama de *microfísica da violência*, conceito relacionado à *microfísica do poder*, de Foucault (1979). Segundo este autor, há uma rede de poderes presente nas relações sociais, que marca as interações entre os grupos e classes. Na caracterização da *microfísica da violência*, Santos (2002) diz que o que existe de mais perigoso é a própria racionalidade apresentada pela violência.

Neste caso específico, fala-se de um “poder”, mantido por alguns indivíduos, que permite a eles exercerem o controle de espaços específicos dentro da cidade. O homicídio, na verdade, é a manifestação mais intensa da violência e da utilização do *micropoder*, quando um indivíduo retira a vida de outro, exercendo o seu poder de coerção e, muitas vezes ele próprio não é coagido pelas normas vigentes, que atuam na manutenção da segurança e na execução da justiça social.

A desigualdade social é outra hipótese levantada para a análise da distribuição desigual dos homicídios. A literatura sobre o assunto declara que esse tipo de crime geralmente ocorre em áreas onde os serviços públicos, tais como saúde, educação e segurança são escassas e a ação do Estado é ineficiente. (COSTA; LIPPI; OLIVEIRA, 1995, CARDIA; SCHIFFER, 2002). Mas nos bairros onde a ocorrência de homicídios foi mais elevada em 2002 existem vários equipamentos públicos, tais como postos de saúde, PISC (Posto Integrado de Segurança Pública e Cidadania), escola e até mesmo um Batalhão da Polícia Militar (Tibery). E, apesar disso, a ocorrência de homicídio foi elevada. A falta de infraestrutura urbana, dessa forma, não é um indicativo de que o local se tornará mais

propício à ocorrência de crimes. Talvez a localização desses equipamentos não esteja sendo realizada de forma estratégica ou esteja havendo uma ineficiência dos órgãos competentes em manter a segurança e combater a criminalidade do que à falta de equipamentos públicos no local.

Os estudos dos crimes pela Geografia não têm como objetivo principal solucionar um problema que se encontra arraigado à sociedade mundial e, mesmo com os diversos programas preventivos e de combate, tem permanecido resistente e cada vez mais atuante. Mas a Geografia pode contribuir com o estudo das causas da violência, questionando-o de forma global ao analisar todas as relações sociais que permeiam a vida do Homem. E somente o trabalho integrado, envolvendo diferentes profissionais que lidam com a violência, será possível desenvolver estratégias eficazes e eficientes no combate à criminalidade e na manutenção segurança pública.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S. de. Novas visões sobre a complexidade da segregação sócio-espacial urbana no final dos anos 90. **Revista da Pós-Graduação em Geografia**, Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, v.1, p. 64-91, set. 1997.

ARRIVABENE, A. P.; MELAZZO, E. S. Mapeamento da distribuição e espacialização das ocorrências criminais na cidade de Presidente Prudente/SP – uma análise da problemática criminal. In: FÓRUM DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2003, Presidente Prudente. **Resumos...** Presidente Prudente: FCT-UNESP, 2003. p. 163-174.

CAMACHO, L. M Y. Contribuições para pensar a violência no Espírito Santo. In: CAMACHO, T. (Org.). **Ensaio sobre a violência**. Espírito Santo: EDUFES, 2003. p.171-198.

CÂMARA, M. P. de A. Exclusão espacial na cidade contemporânea – do risco de expulsão ao risco de vida. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 7, 1997, Recife. **Anais...** Recife, 1997. p. 1961-1986.

CARDIA, N.; SCHIFFER, S. Violência e desigualdade social. **Ciência e Cultura**, Ano 54, n.1, p. 25-31 jul/ago/set. 2002.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto: 2004.

COMPANHIA DA POLÍCIA MILITAR - COPOM. **Assessoria de Estatística e Geoprocessamento**. Uberlândia, 2004.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. 75p.

COSTA, M. R. da.; LIPPI, L. F. B.; OLIVEIRA, I. I. de. M. C. e. Mortes violentas, vítimas e homicídios. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.9, n.3, p.87-93, jul./set./1995.

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br.html>>. Acesso em: 8 ago. 2004.

FELIX, A. F. **Geografia do crime**: interdisciplinaridade e relevâncias. Marília: UNESP, 2002. 149p.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GUIDUGLI, O. S. **A geografia da população urbana**: aspectos teóricos e o caso de Marília-SP. 543 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

MASSENA, R. M. R. Distribuição espacial da criminalidade violenta na região metropolitana do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.48, n.3, , p.285-330, jl./set. 1986).

MELLO JORGE, M. H. do P. **Acidentes e violência no Brasil**. In: JORNADA DE TRAUMA, ACIDENTE E VIOLÊNCIA, 1., 2004, Uberlândia. (Palestra proferida na Sociedade Médica de Uberlândia, nov. 2004).

MINAYO, M. C. de S. Violência, direitos humanos e saúde. In: CANESQUI, A. M. (Org). **Ciências Sociais e Saúde**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1997. p.247-260.

MOTA, L. D. Nem tudo está perdido: relatório do IBGE alimenta o debate sobre a criminalidade. **Revista Brasileiros**, jul./ago. 2004. (Suplemento especial).

PAIXÃO, A. L. Crimes e criminosos em Belo Horizonte. In: PINHEIRO, P. S. (Org.). **Crime, violência e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PINHEIRO, P. S. **Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/cdbrazil/itamaraty/web/port/polsoc/dirhum/apresent/index.htm>>. Acesso em: 20 out. 2004.

POCHMANN, M.; AMORIM, R. **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003. 222p.

POPÓ, P. 16 jovens foram assassinados em 2004. **Jornal Correio**, Uberlândia, 20 junho 2004. Caderno de Segurança. Disponível em: <<http://www.jornalcorreio.com.br.html>>. Acesso em: 14 agosto 2004

SANTOS, J. V. T. dos. Microfísica da violência, uma questão social mundial. **Ciência e Cultura**, São Paulo, ano 54, n.1, p.22-24, jul./ago./set., 2002.

SOUZA, E. R. *et al.* Padrão de mortalidade por homicídios no Brasil, 1980 a 2000. **Boletim da Funasa (Fundação Nacional de Saúde)**, ano 2, n.7, 2002. Disponível em: <<http://www.funasa.gov.br.html>>. Acesso em: 30 maio 2003.

SOUZA, M. L. de. Participação popular no planejamento e gestão de cidades sociopolítico-espacialmente fragmentadas: um ensaio sobre enormes obstáculos e modestas possibilidades. In: CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G (Orgs.). **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003. p.266-275.

## ANEXOS

